

NARRATIVAS NEGRAS FEMININAS

Literatura e ensino de gêneros
textuais



Brendha T. Maia
Maisanara Fonseca da Silva
Maria Eduarda Marques Ruela

**Copyright 2025 by Brendha T. Maia,
Maisanara Fonseca da Silva e Maria Eduarda Marques Ruela.**

Capa e colagens

Brendha T. Maia

Projeto Gráfico

Brendha T. Maia, Maisanara Fonseca da Silva e
Maria Eduarda Marques Ruela

Revisão

Maisanara Fonseca da Silva

Diagramação

Brendha T. Maia e Maria Eduarda Marques Ruela

Coordenação

Flaviane Faria Carvalho

Créditos das fotografias

Fernando Rabelo; Karla Brights; Sergio Silva; Divulgação Jarid;
Eileo Aguiar; Acervo UH/Folhapress; IMS/Acervo; Notícia Preta;
Outras Palavras; Colégio Miguel de Cervantes; Conecta Conquista;
E-cultura; Slam Digital; Ana Torres; @eileoaguiar.

Créditos das ilustrações

pixabay.com e freepik.com

Projeto de conteúdo educacional na forma de livro experimental desenvolvido durante o primeiro semestre de 2025, na disciplina Edição de Materiais Didáticos, do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas, em parceria com o Projeto de Extensão Laboratório de Estudos Editoriais (LEE/PROEC/UNIFAL-MG).

Universidade Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG
R. Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Centro, Alfenas - MG 37130-001

SUMÁRIO

Apresentação	4
Introdução	5
Unidade 1 - Batalhas poéticas	7
Tawane Theodoro.....	8
Eu não queria ser feminista.....	9
Nós somos as referências.....	12
O que é um slam?	15
Desafio da Hora: Produza um slam.....	22
Unidade 2 - Trajetórias históricas	25
Jarid Arraes	26
Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis.....	27
O que é uma biografia?.....	31
Desafio da Hora: Escreva uma biografia.....	33
Unidade 3 - Resistências diárias	39
Carolina Maria de Jesus.....	40
Quarto de despejo.....	41
O que é um diário?.....	43
Desafio da Hora: Escreva um diário.....	45
Unidade 4 - Raízes ancestrais.....	51
Eliana Alves Cruz.....	52
Água de barrela.....	53
O que é uma resenha?.....	56
Desafio da Hora: Escreva uma resenha.....	60
Unidade 5 - Escrevivências coletivas.....	65
Conceição Evaristo.....	66
Olhos d'Água.....	68
Desafio da Hora: Registre sua opinião.....	69
Desafio Final: Escrevivência em roda.....	74
Conclusão	75
Bibliografia	76
Instruções ao/à professor/a	87

Apresentação

Este livro é um convite para você, estudante do Ensino Médio, descobrir que a literatura pode ser, sim, divertida, envolvente e profundamente transformadora. Ao longo das páginas, você vai encontrar textos marcantes de autoras negras brasileiras, que falam sobre temas que têm tudo a ver com a sua realidade — e fazem isso com uma linguagem acessível, próxima, que conversa diretamente com você.

Queremos saber como essas histórias te tocam, o que despertam em você, e como se conectam com a sua vivência e com a de outras pessoas. Por isso, além da leitura, vamos te desafiar a escrever, refletir e se expressar por meio de diferentes gêneros textuais, como o slam e o diário. Aqui, cada atividade é pensada como um espaço de escuta, acolhimento e liberdade. Use as palavras para dizer o que sente e para romper os silêncios que te inquietam.

Neste livro, vamos falar sobre questões urgentes e reais, como o racismo, o machismo e a desigualdade social — tudo isso por meio da literatura, uma ferramenta potente de denúncia, resistência e transformação.

Você está prestes a embarcar em uma jornada literária emocionante, repleta de histórias que revelam vidas, dores, lutas e conquistas de pessoas que muitas vezes foram invisibilizadas. Ao final, esperamos que você não só se apaixone pela literatura produzida por mulheres negras, mas também passe a enxergar, ouvir e respeitar essas mulheres como elas são: seres humanos incríveis, com histórias potentes e muito a dizer.

Vamos nessa?

Introdução

Você já reparou nos filmes e séries que costuma assistir? Quem são os protagonistas? Quantas vezes você viu uma mulher negra sendo representada como personagem principal? E quando aparece, como ela é retratada?

Agora, pense nisso com atenção. A escritora Chimamanda Adichie fala sobre o perigo de uma história única. Vale a pena assistir ao vídeo dela:



O que Chimamanda diz é real: quase sempre, nos mostram apenas um tipo de pessoa, contando a mesma história. Normalmente, são pessoas brancas, ricas, vivendo vidas muito distantes da maioria de nós. Já as pessoas negras aparecem pouco — e, quando aparecem, muitas vezes são representadas de forma negativa: como agressivas, pobres, ou incapazes.

Esse tipo de representação tem consequências graves. Faz com que a sociedade enxergue pessoas negras com desconfiança. E pior: faz com que muitas pessoas negras passem a duvidar de si mesmas. Isso reforça o racismo e dificulta o acesso a oportunidades, como bons empregos ou uma educação de qualidade. Para as mulheres negras, essa exclusão é ainda mais dura. Elas enfrentam preconceito por serem negras e por serem mulheres.

Foi pensando nisso que este material foi criado.

Aqui, você vai conhecer a escrita de mulheres negras brasileiras. São vozes que por muito tempo foram caladas, mas que agora ocupam seu lugar com força. A literatura é uma ferramenta poderosa para fazer a gente pensar, sentir e transformar o mundo. E é isso que queremos com este livro: te convidar a refletir, escrever e se posicionar contra as desigualdades.

Este material é dividido em cinco unidades:

- 1. Batalhas poéticas**
- 2. Trajetórias históricas**
- 3. Resistências diárias**
- 4. Raízes ancestrais**
- 5. Escrevivências compartilhadas**

Nas unidades, você vai encontrar:

- A biografia de uma autora negra — para conhecer sua trajetória.
- A apresentação de uma de suas obras — para entrar em contato com sua escrita.
- A explicação de um gênero textual — por exemplo, slam e diário.
- Um desafio de produção: o “Desafio da hora”, em que você será convidado a escrever.

Além disso, ao longo do material, você vai encontrar indicações a materiais diversos, que te ajudam a explorar ainda mais os temas. E tudo isso pode ser acessado de forma rápida: por meio de links clicáveis e QR Codes.

BATALHAS POÉTICAS



Crédito: @eileoaguiar

UNIDADE 1



Crédito: Notícia Preta

Tawane Theodoro

Poeta, slammer, atriz e arte-educadora, Tawane se graduou em Nutrição. Nascida em 1998 e criada no Capão Redondo (SP), aos 18 anos, encontrou na poesia um caminho de voz e transformação.

Desde então, tornou-se referência no slam brasileiro. Ela é uma das organizadoras do Sarau do Capão e do Slam do Bronx, além de atuar como poeta-formadora no Slam Interescolar. Em 2018, foi campeã do Slam SP e, em 2019, ficou em terceiro lugar no Slam Brasil. Nesse mesmo período, ela lançou “Afrofênix: a fúria negra ressurgue” e, em 2022, “A pluralidade da poeta”, poemas que falam sobre ser mulher negra periférica e ter de enfrentar o apagamento cultural. Tawane é corpo, voz e movimento. Sua poesia emociona, provoca e, acima de tudo, afirma: quem vem da periferia também é cultura.

Ei, quer conhecer melhor a autora?

Entrevista da TVT:



Entrevista do Afrobras:



Instagram: @pretata_

Eu não queria ser feminista

EM PLENO SÉCULO XXI, MINHA GENTE,
FEMINISMO DEVERIA NEM EXISTIR.
CALMA, SOCIEDADE, NÃO COMECE A SORRIR.
É PORQUE MULHERES NÃO TINHAM
QUE PRECISAR RESISTIR TANTO ASSIM.
É ATÉ DIFÍCIL IMAGINAR QUE EM UMA ERA TÃO TECNOLÓGICA
EU AINDA TENHA QUE IMPLORAR
QUE POR ONDE EU PASSAR, TODOS POSSAM ME RESPEITAR.

[...]

O BRASIL É O QUINTO PAÍS MAIS VIOLENTO
PARA MULHERES DO MUNDO.

A CADA DIA, O FEMINICÍDIO AUMENTA.

E, COM A MULHER PRETA, A ESTATÍSTICA É AINDA MAIS
VIOLENTO.

[...]

(THEOPORO, 2021)

Veja o slam completo [aqui](#):



Imagina estar assistindo a uma apresentação de poesia e, de repente, ouvir que uma mulher é estuprada a cada 11 minutos no Brasil. Que a maioria das vítimas conhece o agressor. E, para piorar, que os assassinatos de mulheres negras aumentaram 54% em dez anos. No slam “Eu não queria ser feminista”, Tawane Theodoro traz esses dados não só para informar, mas também como uma forma de denúncia. E o que mais impressiona não são só os números, é o jeito como ela os profere. Em vez de parecer uma reportagem de jornal trazendo, de forma banal e desumana, mais uma notícia de um caso de feminicídio, na voz de Tawane tudo ganha peso, porque é dito com indignação e urgência por alguém que sente e carrega, na própria pele, a dura realidade de ser mulher negra em um país machista e racista. A forma como ela declama é tão forte quanto o que está sendo dito.

E o título do slam, “Eu não queria ser feminista”, já chega causando desconforto. E é exatamente essa a ideia. Tawane provoca logo de cara, mas o que ela quer dizer vai além: ela mostra que o feminismo não é escolha, é necessidade. Que nenhuma mulher “quer” ter que se defender o tempo todo. Mas, enquanto houver violência, silenciamento e desigualdade, lutar é o único caminho. O poema é, ao mesmo tempo, denúncia, desabafo e resistência.

Ao longo do slam, ela também fala do medo de andar sozinha na rua, do assédio, dos relacionamentos abusivos que são tratados como se fossem normais e da pressão constante sobre o corpo feminino.

Situações que a maioria das mulheres vivem todos os dias, mas que raramente ganham espaço para serem ditas em voz alta. E Tawane transforma tudo isso em poesia – não para suavizar, mas para afrontar. Sua performance não é para agradar, mas para acabar com o silêncio e causar desconforto. Ela expõe o que a sociedade evita discutir. E, quando Tawane fala/canta, ela representa muitas mulheres que foram silenciadas e ainda não conseguiram falar por si próprias.

Nós somos as referências

[...]

FALARAM QUE EU SOU MAL-EDUCADA,
MAS VOU COMEÇAR FALANDO PRA VOCÊS
LAVAREM A BOCA PRA FALAR DA NOSSA CAMINHADA.
FALARAM QUE A GENTE TAVA SE ACHANDO. JURA?!
AINDA BEM, PORQUE JÁ FICAMOS PERDIDOS POR MUITOS ANOS.
ACHARAM QUE A GENTE IA ESQUECER
O QUANTO QUE FIZERAM E FAZEM O NOSSO POVO SOFRER.
MOSTRANDO PRAS NOSSAS CRIANÇAS
QUE O PASSADO ERA SÓ ESCRAVOS.
E QUE NO FUTURO TEREMOS QUE IMPLORAR POR CADA CENTAVO.
FIZERAM A GENTE TER VERGONHA DE CADA TRAÇO HERDADO
ENQUANTO A GENTE TORCIA POR UM JOGO
ONDE AS PESSOAS NÃO SOFRIAM PELA COR DA SUA PELE,

[...]

ENTÃO AGORA EU NÃO VOU ABAIXAR A CABEÇA
E VOU MOSTRAR COMO NÓS TAMBÉM SABEMOS FAZER.
ENTÃO DÁ LICENÇA PRA NÓS PASSAR.
RESPEITA, QUE EU NÃO SOU TUAS BRANCA.

[...]

(THEOPORO, 2023)

Assista ao slam na íntegra:



Nesse trecho do slam “Nós somos as referências”, Tawane Theodoro transforma seus versos em afirmação de identidade e força coletiva. Ela traz nomes que marcam a história da cultura negra no Brasil, como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, e já começa questionando a forma como figuras negras ainda são deixadas de lado nas representações sociais e até mesmo em imagens religiosas. Isso porque as referências nas artes, mídias, como TV e cinema, e nos livros escolares sempre foram figuras brancas. E, quando (raramente) pessoas negras aparecem nesses lugares, geralmente são apresentadas de forma negativa e estereotipada.

Os indivíduos negros sempre existiram e ajudaram a construir o nosso país, mas isso não é mostrado. E não é por acaso. Apagar a história e as conquistas de um povo é apagar também sua identidade, desumanizá-lo e fazer com que ele duvide de sua própria capacidade. Assim, o racismo se fortalece enfraquecendo o povo negro e subjugando-o aos brancos – que se tornam a única referência considerada “positiva”, a qual o negro deve obedecer para não ser punido. (Mas isso não adianta, pois o negro continua sendo violentado). Além disso, a branquitude – grupo de maior poder numa sociedade racista como a nossa – inflige outras violências, também profundas, como as verbais e físicas às pessoas negras. Além de gerar a morte delas.

Tawane, porém, combate isso, ao nos apresentar exemplos reais de quem tem feito a diferença: Maju Coutinho, Drik Barbosa, Emicida, Thaís Araújo e Lázaro Ramos aparecem como símbolos de sucesso, referência e inspiração.

A mensagem é direta: pessoas negras sempre estiveram na linha de frente na arte, na luta e na construção da história, e merecem ocupar todos os espaços com orgulho e protagonismo. Ela encerra com força, lembrando que “Wakanda não é brincadeira”. ou seja, que imaginar um futuro com protagonismo negro não é fantasia, é luta real.

Esse slam é uma celebração da força preta, da cultura, da arte, e do direito de sonhar alto com visibilidade, respeito e poder.

O que é um slam?

Lembra daquele *rap* que te deu um “soco no estômago” por denunciar a cruel realidade? E daquelas pessoas que chegaram no metrô ou na rua e mandaram uma rima no improviso? O slam é uma poesia que tem um estilo parecido.

Poesia falada, sem microfones, mas com intensa potência, o slam não é leitura tímida nem verso enfeitado: é palavra viva, lançada com força para quem precisa ouvir – ou aprender a escutar. Em vez de palcos sofisticados, basta um círculo de pessoas e uma voz disposta a dizer o que muitos fingem que não vê.

O slam é uma batalha de poesia falada, onde os poetas se armam de palavras. São escolhidos, aleatoriamente, cinco jurados na plateia, que dão notas de zero a dez. Leva a competição aquele que tiver a maior nota. Os poemas geralmente falam sobre vivências reais: ser negro, mulher, periférico, LGBTQ+, silenciado, mas resistir. Cada apresentação tem tempo limitado, e não pode ter música, figurino ou adereços. Só a voz e o corpo.

Mais do que arte, o slam é ato político, denúncia e resistência. A poesia não fica só no papel: ganha corpo, entonação e presença. Quem escreve, performa. Quem fala, enfrenta. E os que assistem, sentem a poesia.

O movimento do slam surgiu nos Estados Unidos, nos anos 1980, influenciado pela cultura hip hop e pela poesia marginal, os quais buscavam dar voz às experiências vividas por pessoas periféricas e oprimidas. No Brasil, o slam chegou no final dos anos 2000, trazido pela artista e slammer Roberta Estrela D’Alva. Esse movimento foi ganhando força como espaço de expressão e denúncia a partir dos saraus e encontros culturais nas periferias, principalmente na cidade de São Paulo.

Grupos como o Slam Resistência e o Slam Guilhermina foram pioneiros na ocupação das ruas com a poesia falada, criando um ambiente onde a palavra se torna ferramenta de visibilidade, reconhecimento e transformação para pessoas que estão à margem da sociedade. Esses encontros acontecem em praças, calçadas, terminais de ônibus e outros espaços públicos, marcando a retomada da rua como lugar de fala, pertencimento e arte popular.

Em 2015, surgiu o Slam das Minas SP, voltado exclusivamente para mulheres, fortalecendo ainda mais a presença feminina na cena e criando um espaço seguro e potente para suas vozes. Desde então, esse tipo de poesia se espalhou por várias cidades brasileiras, se consolidando como um dos movimentos mais potentes da literatura oral contemporânea. Tornou-se palco para temas como racismo, machismo, LGBT+fobia, desigualdade e exclusão.

Sabe aquele texto que você escreve com raiva, medo, orgulho ou com desejo de mudar as coisas? No slam, ele ganha voz. É poesia que escapa do papel e que vira arma, abraço ou grito coletivo.

Vozes potentes que mostram a força desse movimento

Bia Ferreira é cantora, compositora e artista. Ela levou sua poesia para todo o país com o slam “Cota não é esmola”, no qual denuncia o racismo e a dificuldade que a mulher negra enfrenta para ter acesso à educação, principalmente quando tenta ingressar em uma universidade. E, quando, com muita dificuldade, consegue entrar em uma faculdade, passa por diversas tentativas de apagamento, de retirada de direitos. Seu poema é direto, cortante, e, também, cheio de ritmo e afirmação. Bia mostra que a palavra, quando bem usada, se torna instrumento contra a opressão.

Para conhecer melhor a artista, siga: @ferreirabiaoficial.



Crédito: E-cultura

Slam “Cota não é esmola”:



Matriarcak é uma poeta que une ancestralidade, crítica e espiritualidade em cada verso. Em seu slam “Histórias”, ela escancara o genocídio do povo negro promovido pelo Estado. Seus poemas denunciam, confrontam e também acolhem. Quando Matriarcak fala, o silêncio da sociedade é quebrado em pedaços e a palavra vira instrumento de justiça.

Também não deixe de seguir a: @matriarcak.



Créditos: Slam Digital

Slam “Histórias”:



Gabriela Grigolom é uma slammer surda*, mãe, artista visual e defensora da Libras* como forma legítima de existir e resistir. Sua poesia é visual, forte e política, denunciando o apagamento da língua de sinais e a violenta imposição do oralismo aos surdos. Em cena, a poeta transforma suas mãos em voz e seu corpo em discurso. Seus poemas expõem a invisibilidade das pessoas surdas, as barreiras sociais e a luta diária por acesso a direitos básicos e por reconhecimento como cidadã. Sua arte é resistência, denúncia e afirmação de identidade.

Saiba mais sobre a artista em: @negabi.oficial.



Créditos: Ana Tores

Slam de Gabriela:



Fica a dica!

***Surda** é uma pessoa que possui perda total ou parcial da audição. Ela pode ter nascido assim ou ter desenvolvido tal perda em algum momento da vida. Em geral, se comunicam por meio da Libras, mas, infelizmente, muitas delas são privadas de aprender essa língua, por preconceito e desconhecimento de seus familiares e da sociedade. Nesses casos, elas não conseguem ter um desenvolvimento pleno e adequado.

Fica a dica!

***Libras** é a língua natural das pessoas surdas e surdas-cegas. Libras é reconhecida por lei como uma língua do Brasil, porém, na prática, poucos brasileiros a conhecem e, por isso, muitos falantes de Libras não conseguem se comunicar com os ouvintes, ou seja, as pessoas que falam a língua portuguesa. Isso, infelizmente, cria barreiras comunicacionais e dificulta o acesso da pessoa surda e surda-cega aos direitos mais básicos, como fazer compras e ir ao hospital. Por isso, a presença de intérpretes de Libras nos mais diversos espaços é super importante.

Conheça mais sobre a cultura surda e a Libras aqui:



Se liga:

Apesar de muitas pessoas chamarem quem é surdo de “mudo” ou “surdo-mudo”, isso é errado e ofensivo. Eles não são mudos, pois conseguem falar por meio da Libras, além de possuírem cordas vocais e emitirem sons. E, apesar de haver diferenças auditivas e culturais em relação aos ouvintes, a surdez não reduz sua capacidade intelectual e de aprendizado. A pessoa surda também tem pensamentos, desejos e sonhos.

Principais características do slam

- Movimento de resistência feito nas ruas e periferias.
 - Poesia feita para ser falada, ao vivo e com força.
 - Texto autoral, em primeira pessoa.
 - Linguagem direta, forte e emocional.
 - Apresentações performáticas com entonação e expressão corporal.
 - Tempo curto: até 3 minutos por apresentação.
 - Participação do público: a reação do espectador também faz parte do impacto.
-

Quer entender mais sobre a evolução do slam no Brasil e conhecer os artistas que fazem parte desse movimento?

O Slam Digital é uma plataforma que busca organizar, na forma de acervo, os registros audiovisuais das batalhas de slam. Você pode fazer buscas por nome do poeta, pelo título e palavras da poesia declamada. Todas possuem interpretação em libras e foram transcritas.

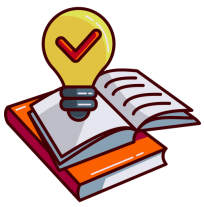


O minidocumentário “Ágora do Agora”, do Slam Resistência, conta a trajetória do coletivo e também revela as dificuldades enfrentadas por quem produz essa arte: existe falta de apoio, preconceito, ausência de estrutura e a luta constante para ocupar espaços públicos com cultura e verdade. Mesmo com todos esses obstáculos, o Slam segue como movimento de resistência — feito por pessoas que acreditam que a palavra, quando ganha corpo e rua, pode transformar vidas.



O Manos e Minas é um programa apresentado por Roberta Estrela D’alva, a precursora do slam no Brasil, e que traz vários artistas da cena urbana para falar da sua carreira e apresentar suas obras. Além de mostrar iniciativas e realizações da cultura de rua e do hip hop em seus diversos segmentos.





Desafio da Hora: Produza um slam

Você já sentiu tanta coisa de uma vez só que parecia que precisava gritar, cantar ou escrever pra não explodir? Já imaginou transformar tudo isso em poesia e subir num palco para escancarar, com o coração na boca, a dura realidade que a sociedade tenta calar?

Então, agora é sua oportunidade de reagir ao que é inaceitável! O desafio é escrever um poema no estilo slam com base em algo do mundo que te inquieta e te revolta. Pode ser sobre desigualdade, preconceito e exclusão, como o racismo. Ou também sobre identidade e outras questões sociais que você acha que precisam ser mudadas.

Aqui, você vai utilizar sua própria vivência como ponto de partida para criar um texto autoral, direto e impactante, escrito em primeira pessoa. Depois de terminar seu slam, apresente-o em alto e bom tom para a turma e para o professor.

Se liga!

O tempo máximo de apresentação é de 3 minutos e você não precisa de figurino, trilha sonora ou efeitos especiais. Só a sua voz, seu corpo e a coragem de expressar o que sente e de lutar pelo que acredita.



TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS



Crédito: Jarid Arraes

UNIDADE 2



Créditos: Reprodução/X

Jarid Arraes

Escritora, poeta e cordelista, nasceu em 1991, em Juazeiro do Norte, Ceará. Vinda de uma família com tradição na literatura de cordel, começou a escrever ainda jovem, influenciada pelo

avô, Abraão Batista, e pelo pai, Hamurabi Batista, ambos cordelistas. Sua produção se destaca pelo resgate de histórias de mulheres negras, indígenas e nordestinas, frequentemente apagadas pela historiografia oficial.

Escreveu mais de 70 títulos de literatura de cordel, além de obras como “Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis” e o livro de contos “Redemoinho em dia quente”, finalista do Prêmio Jabuti. Em suas escritas, Jarid articula memória, ancestralidade e crítica social a partir de uma perspectiva negra e feminista. Também fundou o “Clube da Escrita Para Mulheres”, projeto que busca incentivar a produção literária de mulheres como forma de expressão e fortalecimento coletivo.

Quer saber mais sobre a autora?

[Entrevista no Podcast BookSter:](#)



[Entrevista na RFI Brasil:](#)



Instragram: @jaridarraes

Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis



Você sabe como o nosso país foi formado? Nas aulas de História, é comum ouvir que os portugueses “trouxeram” os africanos para o Brasil nos anos 1500, certo? E que eles aceitaram vir para cá numa boa, não é? Mas você sabia que esses escravizados, na verdade, foram violentamente sequestrados de diferentes lugares do continente africano?

Lá, a maioria deles tinha uma vida totalmente diferente, sendo até mesmo membros da realeza, como reis e rainhas. E uma dessas pessoas foi Zacimba Gaba, uma princesa da nação Cabinda, na região de Angola, que, mesmo aprisionada e violentada pelos colonizadores, não se curvou diante deles. Com muita bravura e inteligência, ela conquistou sua própria liberdade e a de seus companheiros. Assim, ela organizou fugas, salvou vidas e se tornou um nome de respeito entre os que resistiam. E sabe como ela fez isso? No cordel “Zacimba Gaba”, vamos conhecer essa história incrível.

E, pensando ainda no período colonial, provavelmente você já estudou sobre Zumbi dos Palmares, um homem negro importante que criou um quilombo*, onde abrigava os escravizados que corajosamente fugiam de seus malfeitores e que colaborou para libertar diversos prisioneiros. Mas também existiu uma mulher essencial nesse processo.

Fica a dica:

***Quilombo**, no período colonial, era uma comunidade formada por pessoas escravizadas que fugiam em busca de liberdade. Nesses espaços, elas construíram uma vida livre, com trabalho, organização política e cultura próprias. Essas comunidades foram, e ainda são, grandes símbolos de luta por liberdade no Brasil.

Estamos falando de Dandara dos Palmares, a esposa de Zumbi, uma forte guerreira. Ela foi uma das líderes do quilombo mais conhecido do país, o Quilombo dos Palmares. Ao lado de Zumbi, ela enfrentou tropas coloniais, participou de batalhas armadas e ajudou a construir uma comunidade livre em pleno período de escravidão. Sua força e inteligência marcaram a luta negra no Brasil, mas seu nome ainda é pouco lembrado nos livros de História.

E essa luta não acabou aí. O povo negro continuou promovendo revoluções e lutando incessantemente por liberdade, até que, em 1888, foi assinada a Lei Áurea, pela pressão das revoluções negras e pela proibição do tráfico negreiro pela Inglaterra.

Assim, com a abolição da escravatura, os negros foram expulsos das propriedades onde eram escravizados e não tiveram para onde ir. Eles ficaram desamparados, sem moradia, dinheiro nem trabalho, pois o governo não deu nenhum suporte a eles. Apesar disso, os negros (re)existiram, ocupando as periferias das cidades.

Muitas mulheres negras, para conseguirem renda suficiente para sobreviver, tiveram de vender quitandas nas ruas do Rio de Janeiro, como foi o caso de Eva Maria do Bonsucesso. Um dia, porém, ela teve suas mercadorias destruídas por uma cabra e, ainda, foi agredida pelo dono do animal, um homem branco. Mesmo sendo a vítima, Eva foi levada a julgamento – apenas por ser uma mulher negra. Entretanto, ela não se calou diante de tamanha injustiça, e denunciou a violência que sofrera. Mas será que Eva foi inocentada, ou o racismo venceu mais essa luta? O veredito final desse caso você descobre no cordel de Jarid.

Essas são apenas algumas das mulheres retratadas no livro “Heroínas Negras Brasileiras”. Em forma de cordel, com versos marcantes e linguagem acessível, a obra apresenta a biografia de quinze figuras que enfrentaram a escravidão, o racismo e a exclusão com garra e resistência, em diferentes momentos e espaços do Brasil. Apesar de terem sido fundamentais para a história do nosso país, elas foram ignoradas nos livros escolares justamente pela cor de sua pele.

Cada página escrita por Jarid emociona e provoca: convida a olhar o passado com lucidez e consciência. E, mais do que isso, a obra nos faz entender nossas origens enquanto povo brasileiro e nos inspira a lutar contra o racismo, que, lamentavelmente, ainda existe.

“POIS NÃO ERA SÓ MULHER
O QUE ERA JÁ DIFÍCIL
ERA NEGRA NUM PASSADO
DE RACISMO, DE SUPLÍCIO
BEM PIOR QUE ATUALMENTE
E SEM SUCESSO PROPÍCIO.”

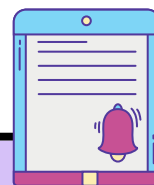
(ARRAES, 2017, P. 18)

O que é uma biografia?

Quando você lê um livro ou assiste a um bom filme, você fica curioso para saber mais sobre o/a autor/a ou o/a ator/atriz, não é? Procura no Google e até consulta a Wikipedia?! Então, a biografia é um ótimo texto para matar essa curiosidade, pois ela concentra as informações importantes da vida de uma pessoa real, como a trajetória e as principais obras delas. Pode ser de alguém que viveu no passado ou que ainda está viva, desde que seja baseado em fatos.

Nesse gênero, geralmente o texto apresentará certos aspectos sobre a pessoa retratada, como: qual é sua profissão, onde e quando nasceu, como foi sua formação, o que fez ao longo da vida, suas principais influências e inspirações, quais conquistas e prêmios teve e de que forma contribuiu com a comunidade ou com o país. Tudo isso precisa estar organizado em ordem cronológica: dos acontecimentos mais antigos aos mais recentes.

E, se você estiver escrevendo sobre outra pessoa, a biografia deverá ser escrita em terceira pessoa, com uma linguagem clara e objetiva, mas mantendo certa formalidade. Nesse gênero, não há espaço para opiniões pessoais ou incertezas: quem escreve deve focar nos fatos e se basear sempre em fontes confiáveis (Wikipedia não vale!).



Para isso, você pode buscar entrevistas feitas com a própria pessoa biografada ou com pesquisadores. Além disso, registros históricos, livros e reportagens são outros exemplos de boas fontes de informação.

Principais características da biografia

- Apresenta fatos relevantes sobre a vida da pessoa;
- Segue uma sequência cronológica dos acontecimentos;
- Destaca momentos importantes da trajetória e da atuação da pessoa retratada;
- É escrita em terceira pessoa, com linguagem clara, formal e objetiva;
- Não inclui opiniões pessoais;
- Deve ser baseada em informações verificáveis.

Para exemplificar, trouxemos três biografias de escritoras importantes. Não deixe de conferir!

Quem são as autoras...?

Cidinha da Silva



Débora Garcia



Lélia Gonzalez



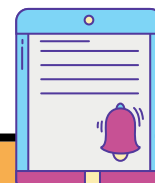


Desafio da Hora: Escreva uma biografia

Depois de conhecer a trajetória de Jarid Arraes e de ler seu livro de cordéis biográficos, você vai escrever a biografia de uma autora negra brasileira. Fique à vontade para escolher a escritora que mais te agrada. E não se esqueça de apresentar os principais fatos da vida dela, além de citar pelo menos um trecho de alguma obra ou fala da autora, além de mostrar de que forma ela contribuiu para a valorização da literatura negra no Brasil.

Para escrever a biografia, você deve responder às seguintes perguntas:

- a) Qual é o nome completo da escritora?
- b) Qual é a profissão dela?
- c) Onde e em qual ano a autora nasceu?
- d) Como foi sua formação escolar e como ela começou a ler e a escrever?
- e) Quais são suas principais obras publicadas?
- f) Quais temas ela costuma abordar em seus textos?
- g) Que dificuldades ela enfrentou ao longo da carreira?
- h) Como o fato de ser negra atravessa seus escritos?
- i) Por que ela é uma figura importante para a literatura brasileira?



Se liga!

Use linguagem formal, escreva em terceira pessoa e busque fontes confiáveis. Organize os acontecimentos em ordem cronológica, destacando os momentos mais marcantes da vida da autora escolhida.



Aqui vão algumas sugestões de autoras e ativistas negras para você pesquisar e escrever uma biografia:

- Ana Maria Gonçalves
- Cristiane Sobral
- Djamila Ribeiro
- Ruth Guimarães
- Eliane Marques
- Elisa Lucinda
- Elizandra Souza
- Esmeralda Ribeiro
- Geni Guimarães
- Jenyffer Nascimento
- Kiusam de Oliveira
- Lilia Guerra
- Lilian Rocha
- Luciany Aparecida
- Lu Ain-Zaila
- Maria Firmina dos Reis
- Mel Duarte
- Sueli Carneiro
- Odailta Alves
- Olívia Pilar

E, antes de iniciar sua escrita, não deixe de assistir aos vídeos abaixo.

Websérie “Escritoras negras de Pernambuco” -
Episódio 1: Inaldete Pinheiro



Documentário “Escritoras Negras
Contemporâneas”

RESISTÊNCIAS DIÁRIAS



Crédito: IMS/Acervo UH/Folhapress

UNIDADE 3



Crédito: Outras Palavras

Carolina Maria de Jesus

Nasceu em 1914, em Sacramento (MG), e (sobre)viveu grande parte da vida na favela do Canindé, em São Paulo. Mãe solo de três filhos, enfrentou a pobreza e o racismo enquanto catava papel. Autodidata, frequentou a escola por apenas dois anos, mas lia avidamente e escrevia em papéis recolhidos do lixo. Seus textos retratavam a fome, a exclusão e as desigualdades sociais. Em 1960, publicou “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, que revelou uma face invisibilizada do Brasil e foi traduzido para mais de dez idiomas. Apesar do reconhecimento, Carolina sofrendo preconceito e morreu na miséria, aos 62 anos. Também produziu obras diversas, como poemas e romances. “Casa de Alvenaria”, “Provérbios” e “A Escrava” são algumas de suas obras. Multiartista, ela compunha músicas e até costurava e bordava vestidos. Carolina foi uma grande escritora, artista e intelectual que, injustamente, não teve oportunidades nem o devido reconhecimento por ser negra em um mundo racista.

Para saber mais sobre Carolina:

Site dedicado
à autora



Entrevista
com sua filha



Quarto de Despejo



“O Brasil deveria ser dirigido por alguém que já passou fome, a fome também é professora.”
(JESUS, 1960, p. 29)

Com essa frase impactante de “Quarto de despejo”, Carolina Maria de Jesus mostra que a fome ensina. Ela revela a dor de não ter o que comer, a luta pela sobrevivência em busca de restos de alimento, e a exclusão vivida por aqueles à margem de um sistema que só alimenta e dá vida a quem detém poder e dinheiro. Para Carolina, somente aqueles que experimentaram na própria pele o peso da exclusão seriam capazes de governar o país com justiça. Suas palavras se transformam em uma contundente denúncia à desigualdade social que, lamentavelmente, persiste até os dias atuais.

“Quarto de despejo” começou como um diário, escrito à mão em cadernos velhos encontrados no lixo. Carolina registrava o seu cruel cotidiano com palavras simples, mas carregadas de força. Em 1958, o jornalista Audálio Dantas visitou a favela para fazer uma reportagem e se deparou com os cadernos de Carolina. Impactado pelo que leu, decidiu organizar e publicar aqueles registros. Dois anos depois, em 1960, o livro foi lançado e rapidamente ganhou atenção nacional e internacional. Foi traduzido para vários idiomas e vendido em diferentes países.

A obra é uma denúncia social, mas também um retrato íntimo da luta pela sobrevivência diária de uma mulher negra, pobre e mãe solo diante de um Brasil desigual. Carolina Maria de Jesus aborda temas como a fome, o medo, a solidão, o racismo, a ausência do Estado e a luta diária para sobreviver. No entanto, ela também expressa sua forte vontade de mudar o mundo com as palavras. Sua escrita é direta, firme e, ao mesmo tempo, poética.

Mais de seis décadas depois da publicação, os relatos de Carolina, lamentavelmente, ainda continuam sendo um retrato do Brasil. A falta de acesso à moradia digna, a precariedade do trabalho informal, a ausência de políticas públicas nas periferias e o silenciamento das vozes negras continuam a fazer parte da realidade de muitos brasileiros. O racismo segue presente, assim como as múltiplas barreiras enfrentadas por mulheres negras, que continuam entre as mais afetadas pela desigualdade. “Quarto de Despejo” é um livro que incomoda, emociona e nos obriga a encarar verdades que muitas vezes preferimos ignorar.

Conheça outras mulheres negras que, assim como Carolina, enfrentam dificuldades e preconceitos e lutam diariamente para sobreviver:

[Documentário “Nós, Carolinas”](#)



O que é um diário?

Você já escreveu um diário? Talvez quando era criança, apenas para registrar o dia a dia ou para guardar segredos. Ou você nunca tentou, mas já pensou em anotar algo que te marcou? Pode ter sido um momento de raiva, um dia difícil, uma conversa que te deixou reflexiva/o ou até mesmo uma conquista sua que te deixou muito orgulhosa/o.

O diário é um gênero textual que registra vivências pessoais. Quem escreve compartilha o que aconteceu no seu dia, como se sentiu, o que observou ou pensou sobre algo. A ideia é bem parecida com os "stories" do Instagram, em que alguém posta vídeos e fotos sobre sua rotina. Assim, conseguimos acompanhar o que está acontecendo em sua vida, quase em tempo real. Contudo, o diário se destaca por ser mais atemporal e profundo. É uma escrita íntima, feita em primeira pessoa, que muitas vezes funciona como um desabafo ou um modo de refletir sobre as experiências vividas.

Escrever um diário também é uma forma de preservar histórias. Com o tempo, você pode reler o que escreveu, relembrar o passado e perceber o quanto você mudou, meditar sobre seus aprendizados, superações e até sobre os sonhos que já conseguiu realizar. É um tipo de texto que não serve só para contar o presente, mas também para acompanhar sua própria evolução ao longo dos anos. Por isso, pode ser uma valiosa ferramenta de memória e autoconhecimento.

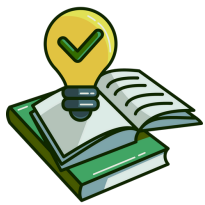
É comum que diários contenham a data e a cidade onde foram escritos como uma forma de marcar o tempo e o espaço. Mas não há uma estrutura fixa: cada pessoa escreve do modo como desejar.

O mais importante é que o texto tenha verdade. O objetivo não é impressionar ninguém, mas sim expressar-se com sinceridade.

Carolina Maria de Jesus usou o diário como forma de resistência. Enquanto muitas pessoas ignoravam o que se passava nas favelas, ela escrevia. Registrava a fome, o abandono, o racismo, mas também sua força, lucidez e a vontade de ser ouvida.

Principais características do diário

- Texto pessoal, escrito em primeira pessoa.
- Registra vivências, observações e sentimentos.
- Apresenta linguagem simples, direta e espontânea.
- Contém data, local e tom íntimo, como uma conversa com o próprio caderno.
- Permite desabaços, reflexões e o relato do cotidiano.
- Não segue uma estrutura fixa: cada pessoa escreve do seu jeito.



Desafio da Hora: Escreva um diário

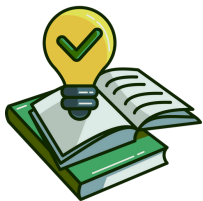
Você já deve ter postado um “tweet”, um “story” ou até um vídeo só para desabafar, compartilhar um pensamento ou colocar para fora algo que estava te incomodando. Isso, de certo modo, também é uma forma de falar sobre si mesmo.

Agora, desafiamos você a fazer isso de um jeito diferente: escrever no papel, sem curtidas, sem filtro – apenas você, seu lápis e suas ideias.

Para isso, inspire-se nos registros de Carolina Maria de Jesus, e escreva uma ou mais páginas de um diário. Pense em algo que te marcou recentemente. Pode ser uma situação que aconteceu com você ou com alguém próximo, da sua família ou comunidade. Pode ter sido uma cena de injustiça, um momento de desânimo, alegria, raiva ou resistência. O que importa é colocar suas emoções no papel com sinceridade.

Você pode escrever para refletir, para desabafar ou simplesmente para registrar o que viveu. Se quiser, faça como Carolina: use o diário para denunciar uma realidade que te incomoda. Exponha o que está errado, algo que precisa ser mudado, que ninguém vê ou prefere ignorar.

Quando terminar de escrever, sinta-se à vontade para compartilhar com os colegas, se assim desejar.



Se liga:

Escreva em primeira pessoa, com suas palavras, no seu ritmo. Não precisa seguir um modelo fixo. Comece registrando a data e o nome da cidade de onde você está escrevendo, e depois escreva uma frase que esteja ecoando na sua cabeça.

E lembre-se: o diário também pode ser um espaço de luta. O que você sente e vive tem valor. Transformar isso em texto é um exercício de autoconhecimento, uma forma de ouvir a si próprio, podendo também ser um ato de (re)existência.



Créditos: Colégio Miguel de Cervantes

Eliana Alves Cruz

É escritora e jornalista. Nasceu em 1966, no Rio de Janeiro, e passou parte da infância em Madureira, mudando-se depois com a família para o bairro da Tijuca. Essa mudança fez com que, ainda criança, a autora sofresse situações de racismo e de desigualdade social.

No entanto, com o pai, ela aprendeu sobre a importância da ancestralidade e da ocupação de espaços historicamente vetados a pessoas negras.

Eliana tem várias obras publicadas, como “O crime do Cais de Valongo”, “Solitária” e “Água de barrela”, que ganhou o Prêmio Oliveira Silveira da Fundação Cultural Palmares. Sua principal conquista até o momento foi o primeiro lugar no Prêmio Jabuti 2022 pelos contos de “A vestida”.

Por meio de sua escrita, a autora objetiva resgatar e preservar a memória e a identidade cultural negra no Brasil.

Ei, quer conhecer melhor a autora?

[Matéria da Uol](#)

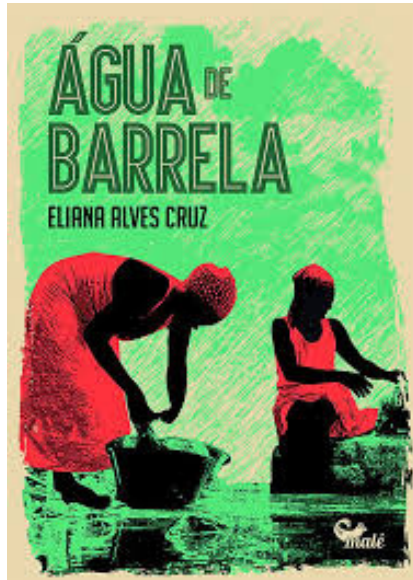


[Entrevista da Blooks Livraria](#)



Instagram: [@elialvescruz](#)

Água de Barrela



Você já parou para pensar na história da sua família? Sobre como ela começou, quem são seus ancestrais e o caminho que eles tiveram de percorrer até você nascer?

“Água de Barrela” é um romance emocionante de Eliana Alves Cruz, que nos apresenta a história de sua família desde a época da escravidão até o começo do século XX. A partir das experiências de mulheres negras que (sobre)vivem por meio de seu trabalho como lavadeiras, a narrativa e os personagens marcantes nos fazem refletir sobre as nossas raízes – e vão além, nos fazendo mergulhar em uma longa jornada, tão marcada pela dor, mas também por alegrias e libertações. O livro retrata a trajetória de mulheres negras num necessário processo de (re)construção e afirmação de identidades negras.

Durante cinco anos, Eliana fez pesquisas sobre sua família, a fim de tentar preencher as lacunas das memórias e das vidas apagadas pela escravização. Assim, ao remontar sua árvore genealógica, a autora retrata não só o passado histórico de sua família, mas o de milhões de negros brasileiros, cuja origem se perdeu em meio à violenta colonização.

Nessa narrativa, Damiana é uma das personagens centrais. O livro começa com a celebração dos 100 anos de Damiana, figura que conecta passado, presente e futuro de gerações. Ela foi explorada por famílias brancas ricas, trabalhando como faxineira e lavadeira, para que suas filhas tivessem um destino

diferente do seu e, no fim, ela pôde ver seus descendentes terem novas oportunidades – apesar de o racismo ainda ser um problema em pleno século XXI.

Para conhecer mais sobre a obra, assista à resenha em vídeo, elaborada por Maisanara Fonseca e Anna Carolina Ferreira:



Confira abaixo o roteiro utilizado para a gravação do vídeo:

ROTEIRO:

Olá, hoje nós vamos falar sobre o livro “Água de barrela”, o romance de estreia da escritora Eliana Alves Cruz. Lançada em 2016 pela Editora Malê, a obra recebeu o Prêmio Oliveira Silveira, da Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura, e foi menção honrosa do Prêmio Thomas Skidmore 2018, do Arquivo Nacional e da universidade americana Brown University.

Água de barrela é um romance histórico que foi baseado na história familiar da própria autora, que fez uma longa pesquisa para descobrir a história de seus ancestrais. A obra se inicia em 1849, no continente africano, e termina no início do século XX, no Brasil.

Antes de falar mais sobre o livro, é preciso considerar que a historiografia costuma contar o passado do Brasil por meio da visão eurocêntrica e patriarcal, a qual exclui pessoas negras e, ainda mais, as mulheres negras que existiram e resistiram ao longo desses séculos, sendo os negros grandes responsáveis pela construção e continuidade do nosso país. Assim, preenchendo essas lacunas e combatendo a invisibilidade negra na história do Brasil, a autora reconstitui a vida e luta desse grupo, por meio, principalmente, de mulheres negras lavadeiras. Além disso, Eliana Alves evidencia a condição de delas em importantes marcos históricos, como a (suposta) abolição da escravatura, em 1888, quando a escravização acabou apenas no âmbito jurídico, mas se manteve e ainda se mantém atualmente, porém sob novas roupagens.

A autora também escancara a objetificação dos corpos negros, os quais serviam aos senhores brancos como mão de obra escravizada e, ainda, no caso de mulheres negras, como objeto sexual. Desse modo, os brancos desumanizavam os negros, relegando-os a condições cruéis, castigando violentamente tais corpos se não obedecessem a seus desejos fúteis.

Eliana Alves Cruz também nos faz refletir sobre as diversas e profundas dimensões violentas do colonialismo para com os negros e a reverberação disso ainda hoje,

fundamenta nossa sociedade atual, que é racista e machista. Nesse sentido, o livro explora temáticas como as relações raciais entre esses dois grupos; como a sobrevivência de mulheres escravizadas no período colonial; as questões religiosas; o Brasil pós-abolição e as relações trabalhistas ao longo dos séculos.

Por meio de suas icônicas personagens, Eliana mostra que houve muita resistência à escravização por parte dos negros escravizados e, como consequência, muitas mortes destes, que lutaram em situação desigual com os brancos. Apesar disso, a luta valeu a pena, pois, ao longo de séculos, as pessoas negras conseguiram conquistar espaços de poder, como se pode observar atualmente: há negros ocupando as escolas de ensino básico, a universidade e se tornando importantes profissionais, mas tudo isso não seria possível sem a luta que seus ancestrais tiveram de travar com seus colonizadores brancos. Porém, deve-se ressaltar que ainda há muito a ser melhorado, pois o racismo continua sobrevivendo e se perpetuando no Brasil, por exemplo, nas relações sociais, nos lugares periféricos onde a maioria dos negros ainda moram e nos trabalhos mal-remunerados e em condições análogas à escravidão que muitos continuam a desempenhar. Além de que o negro ainda sofre outras inúmeras violências, incluindo a de sua vida por uma bala perdida.

Enfim, Eliana evidencia a educação como ferramenta transformadora, pois é esta que permite aos negros ter consciência das inúmeras opressões que sofrem e, mais do que isso, poder lutar contra essas opressões e se libertar das condições desumanas a que são (até hoje) impostos.

Finalizamos aqui nossa resenha e convidamos você a ler esse excelente livro, que é um rico resgate histórico do negro-brasileiro. Obrigada pela atenção e até a próxima!

O que é uma resenha?

Sabe quando você termina de assistir a um filme ou ler um livro e percebe, tarde demais, que aquilo não era para você, não fazia seu estilo ou simplesmente era ruim?

Para além de ler a sinopse, a resenha é um ótimo recurso para te ajudar a fazer escolhas melhores. Então, antes de adentrar num universo totalmente desconhecido, é bom procurar uma (ou mais) resenha(s) de uma obra. Assim, você terá uma noção sobre o território onde você vai (ou não) pisar.

Há dois principais tipos de resenha: a descritiva, na qual apresenta-se a obra e o autor sem emitir uma impressão pessoal ou juízo de valor sobre a obra. Já na crítica/opinativa, além de apresentar o autor e a obra, também devemos emitir uma opinião clara, embasada em argumentos convincentes.

Na resenha crítica, também é interessante criar uma correlação com outras obras que tenham temáticas similares ou, ainda, com temas diferentes, por exemplo, o conceito de arte ou política. E, ao chegarmos à conclusão da nossa análise, é preciso indicar se aquela obra deve ser lida ou não.

Além disso, a resenha pode ser feita em diferentes formatos: escrito ou digital, por exemplo, vídeos e podcasts. Ela também pode ser publicada em mídias diversas, como internet, revistas e sites.

Fica a dica!

Os textos desse gênero devem ter uma escrita clara e objetiva, sempre levando em consideração o seu público-alvo. A resenha pode tratar de gêneros diferentes, como uma peça de teatro, um filme, ou, no nosso caso, um livro!

Em suma, na resenha, vamos encontrar:

- Uma breve biografia do autor.
- Um resumo geral da obra.

Observação: Ainda nessa parte, devemos trazer um pouco sobre seu contexto de produção.

- O resumo dos capítulos que a compõem e as respectivas temáticas principais.
- Na resenha crítica: você deve apresentar sua opinião sobre a obra, embasada em argumentos. Para isso, relacione o texto analisado com outros escritos e, ainda, apresente trechos da obra.
- Recomendar ou não a obra de acordo com a construção de opinião feita na resenha.

Passo a passo para escrever uma resenha:

1. Escolha uma obra para analisar.
2. Faça a leitura do texto.
3. Pesquise informações sobre o texto: quando foi produzido, quem escreveu, qual o contexto sociohistórico de produção.
4. Pesquise sobre o autor.
5. Hora de juntar todos os seus elementos de estudo e, seguindo a estrutura de uma resenha, começar a escrever.

QUADRO COMPARATIVO

Resenha Descritiva

Apresentação do autor;
Apresentação da obra;

—

Resenha Crítica

Apresentação do autor;
Apresentação da obra;
Apresentação de opinião
argumentativa;
Recomendação (ou não) da
obra.

Fica a dica!

Ao fazer uma resenha crítica, além de emitir sua opinião sobre a obra, é interessante fazer uma correlação com outras obras (incluindo filmes e jogos) e temas, se for possível!

Resenhas que você precisa conhecer



Leia outra perspectiva sobre esse romance histórico, escrita por Pâmela Carvalho: “Água de Barrela” (Eliana Alves Cruz).

Conheça um pouco sobre essa antologia de poemas profundos de afeto e autoestima negra na resenha escrita por Arman Neto:

“Tudo nela é de se amar” (Luciene Nascimento).



Resenha crítica



Um clássico, com paixões intensas e destinos trágicos, esse romance da época da escravização se destaca pelo seu caráter abolicionista. Confira mais na resenha de Fernanda Bastos:
“Úrsula” (Maria Firmina dos Reis)

Fica a dica!

E, para você não ficar desatualizado sobre a literatura negra, deixamos aqui algumas dicas de redes sociais e sites para seguir:

- Os apaixonados por literatura romântica e fantástica precisam conhecer o bookstagram da Dayane Borges: @dayescreve
- Se você é fã de terror e suspense, a Dayhara Martins vai te ajudar a encontrar os melhores livros e filmes: @dayharabooks



- A Maria Ferreira e sua equipe vão te indicar obras incríveis e diversas. Em seu canal e blog, você encontra leituras para todos os gostos e momentos da sua vida:



Canal



Blog



Desafio da Hora: Resenha crítica

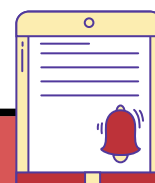
Agora que já conhecemos a estrutura de uma resenha, vamos pôr a mão na massa? O desafio agora é escolher um livro ou texto literário escrito por uma mulher negra brasileira. Leia o texto e produza uma resenha crítica sobre ele. Você pode analisar um romance, conto ou poema, por exemplo, e escrever no formato e no suporte que achar melhor: a resenha pode ser apenas escrita, ou ser transformada em vídeo. É você quem decide.

Sugestões de obras que você pode resenhar:

- O romance “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo
- A coletânea “Olhos de azeviche: dez escritoras negras em vinte contos”
- Os contos nordestinos “Redemoinho em dia quente”, de Jarid Arraes
- As poesias de “Poetas negras brasileiras”, organizadas por Jarid Arraes
- As “Cartas de amor para mulheres negras”, de Midria
- Os poemas de “Terra negra”, de Cristiane Sobral

Se liga!

Resuma a obra, mas não se esqueça de dar sua opinião sobre ela. Ao final, indique se recomenda ou não a leitura da obra.



ESCREVIVÊNCIAS COMPARTILHADAS



Crédito: Karla Brights

UNIDADE 5



Crédito: Conecta Conquista

Conceição Evaristo

Nasceu em 1946 e cresceu em uma favela de Belo Horizonte, é poeta, contista, romancista e professora. Desde criança, ajudava a família como lavadeira e em outros trabalhos informais, como faxineira e babá. A leitura e a escrita foram ferramentas

essenciais para enfrentar os obstáculos impostos pelo racismo e pelo machismo. Sua natureza questionadora já era evidente em seus anos escolares e está impressa em suas obras.

Ainda jovem, mudou-se para o Rio de Janeiro à procura de melhores condições de vida. Foi a primeira de sua família a completar a educação básica, graduando-se em Letras pela UFRJ e atuando como professora na rede pública. Conceição possui mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada.

A autora tem uma vasta obra que inclui poesia, romance, conto e ensaio. Entre seus livros, destacam-se “Insubmissas lágrimas de mulheres”, “Becos da memória” e “Olhos d’água”, vencedor do Prêmio Jabuti em 2015. Outra obra importante é “Ponciá Vicêncio” (2003), que recebeu prêmios do jornal O Globo e do Governo de Minas Gerais.

Conceição Evaristo é uma mulher negra que incorpora a escrevivência em seus livros. Conceição se consolidou como uma das escritoras e intelectuais mais importantes do país e, também, a maior referência da literatura negra contemporânea do Brasil.

Fica a dica:

A escrevivência é um conceito cunhado por Conceição Evaristo e se refere a uma escrita que surge a partir das memórias e experiências vividas por ela e pela comunidade negra. A partir da tradição oral, do ato da escuta e da contemplação da vida, principalmente a do povo afro-brasileiro. Com esse tipo de literatura, é possível dar voz aos que foram e ainda são historicamente excluídos e violentados. Conceição quebra padrões, fazendo uso de uma linguagem própria em narrativas centradas nas vivências do povo afro-brasileiro.

“A NOSSA ESCREVIVÊNCIA NÃO PODE SER LIDA COMO HISTÓRIA DE NINAR OS DA CASA-GRANDE, E SIM PARA INCOMODÁ-LOS EM SEUS SONOS INJUSTOS.”

Conceição Evaristo

Mas a história de Conceição não para por aí. Para saber mais sobre essa grande autora, acesse:

[Entrevista no programa Espelho](#)



[A escrevivência de Conceição](#)



Instagram: [@conceicaoovaristooficial](#)

Olhos d'Água

“Escrever é uma forma de sangrar”
(EVARISTO, 2016, p. 109)



“Olhos d’água” é formado por quinze contos, protagonizados por crianças, homens e, sobretudo, mulheres. Marcado pela escrevivência, o livro apresenta histórias como “A gente combinamos de não morrer”, que evidencia como o afeto e união fortalecem quem (sobre)vive à margem e tem sua vida ameaçada diariamente.

Esse conto traz reflexões sobre como um ambiente hostil, permeado por violências cotidianas, obriga seus moradores a resistirem de diferentes formas. Já o conto “Záíta esqueceu de guardar os brinquedos” nos leva a refletir sobre a realidade de muitas crianças negras periféricas – sempre rodeadas pela iminência da morte provocada pela brutalidade policial. O conto “Maria”, por sua vez, retrata a luta de uma empregada doméstica que trabalha para sustentar a si mesma e aos filhos. Aborda, ainda, a maternidade solo da mulher negra e a violência racial e de gênero que atravessa a vida da mulher e a responsabiliza por algo que não cometeu.

Nesse livro, conhecemos cotidianos frequentemente invisibilizados, mas infelizmente presentes na realidade de muitos brasileiros. Os contos revelam, com sensibilidade e crueza, as (sobre)vivências da população negra. A escrita poética e tocante de Conceição nos faz refletir sobre a sociedade racista e machista na qual vivemos.



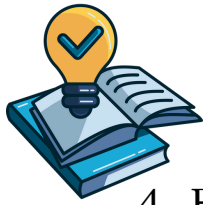
Desafio da Hora: Registre sua opinião

Agora é o momento de refletir e colocar no papel o que os contos despertaram em você. Leia com atenção e responda com sinceridade, profundidade e sensibilidade.

1. No conto “A gente combinamos de não morrer”, o que significa esse “combinado” entre os personagens? De que forma esse acordo coletivo expressa formas de resistência da população negra frente à violência cotidiana?

2. Zaíta é uma criança negra que vive em um ambiente marcado pela violência policial. Como esse conto nos ajuda a refletir sobre a infância de crianças negras nas periferias?

3. Maria é mãe solo, negra e trabalha como empregada doméstica para sustentar os filhos. O que sua trajetória revela sobre as desigualdades econômicas enfrentadas por mulheres negras? Por que o trabalho doméstico continua sendo tão desvalorizado?



4. Em todos os três contos, o ambiente onde os personagens vivem é marcado pela precariedade, mas também pela solidariedade. Como essas relações comunitárias se tornam formas de sobrevivência e enfrentamento da exclusão social?

5. Escolha um conto do livro Olhos d'água que ainda não foi lido em sala de aula. Faça a leitura com atenção e, depois, escreva uma breve análise respondendo às perguntas abaixo:

- a) Quem é a/o protagonista do conto?
- b) Qual é o tema central do conto?
- c) Onde se passa a história?
- d) Que problemas ou conflitos aparecem no enredo?
- e) De que maneira esse conto se conecta com os outros que lemos em sala?
- f) Em filmes, séries e livros que você costuma consumir, personagens negros estão presentes? Como eles costumam ser representados? Você vê diferenças em relação ao que leu em “Olhos d'água”?
- g) Como a escrita da Conceição Evaristo — tão direta, sensível e poética — mexeu com você durante a leitura? Teve alguma frase ou trecho que ficou na sua memória? Por quê?
- h) Que sentimentos os contos despertaram em você em relação à força das mulheres negras? De que forma a maneira como essas personagens enfrentam a vida te tocou ou te inspirou?
- i) Que sentimentos os contos despertaram em você em relação à força das mulheres negras? De que forma a maneira como essas personagens enfrentam a vida te tocou ou te inspirou?



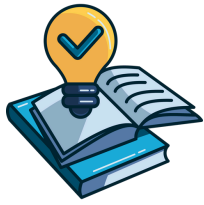
Desafio da Hora: Registre sua opinião

A vertical dashed green line on the left side of the page serves as a margin. To its right, there are 18 horizontal black lines spaced evenly down the page, providing a template for writing.



Desafio da Hora: Registre sua opinião

A vertical dashed green line on the left side of the page serves as a margin. To its right, there are 18 horizontal black lines spaced evenly down the page, providing a template for writing.



Desafio da Hora: Registre sua opinião

A vertical dashed green line on the left side of the page serves as a margin. To its right, there are 18 horizontal black lines spaced evenly down the page, providing a template for writing.



Desafio Final: Escrivivência em roda

Agora que tivemos a oportunidade de conhecer e ler alguns contos de “Olhos d'água” e outros textos escritos por mulheres negras, que tal conversarmos um pouco sobre? O/a professor/a mediará uma roda de conversa entre vocês, então não fique calado. Esse é seu momento de soltar o verbo e compartilhar suas impressões sobre a leitura!

A roda de conversa será um espaço para compartilhar com os colegas suas impressões sobre os textos lidos. Reflita sobre as leituras que você fez e relacione essas histórias com fatos que acontecem na realidade do nosso país.

Se liga:

A roda deve ser um momento prazeroso para todos. Os momentos de fala do/a colega devem ser acompanhados com atenção.

Sempre tenha respeito pelas opiniões da outra pessoa, ainda que sejam diferentes da sua.

A literatura negra feminina que estudamos até aqui luta por igualdade e respeito – e em nossa roda de conversa, isso também deve ser praticado.

CONCLUSÃO

Caro estudante,

Chegamos ao fim deste material, mas a jornada pela literatura negra e pelo combate ao racismo e ao machismo não acabou! Ao fechar este livro, leve com você as histórias, vozes e lutas das mulheres negras que conheceu aqui. Não pare de ler, respeitar e admirar essas mulheres.

Esperamos que, ao longo das unidades, você tenha compreendido e praticado diferentes gêneros textuais — como o slam, a biografia, o diário e a resenha — e que agora se sinta capaz de usá-los para se expressar e para denunciar injustiças.

Sempre que quiser, volte a este material. Releia, revise, explore os QR Codes e aprofunde seus conhecimentos. Mas, acima de tudo, continue escrevendo. Nunca se esqueça: por meio da escrita, você pode ganhar voz. Seja corajoso/a para usá-la quando for preciso.

BIBLIOGRAFIA

Unidade 1 - Batalhas poéticas

Referências usadas na biografia da artista

CAMA SANTA CASA. Tawane Theodoro. Cama Santa Casa, 2023. Disponível em: <https://camasantacasa.com.br/tawane-theodoro/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Letras e vídeos dos slams

THEODORO, Tawane. Eu não queria ser feminista. Slam Digital, 2022. Disponível em: <https://slamdigital.com.br/poesia/eu-nao-queria-ser-feminista>. Acesso em: 24 jun. 2025.

THEODORO, Tawane. Dois poemas de Tawane Theodoro. Ruído Manifesto, 2022. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/dois-poemas-de-tawane-theodoro>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SLAM RESISTÊNCIA. Eu não queria ser feminista – Tawane Theodoro. YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/TUtWCloEKd8>. Acesso em: 24 jun. 2025.

DECK9 RECORDS. Tawane Theodoro – Nós somos as referências. YouTube, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/ijQoMh4dfDY>. Acesso em: 24 jun. 2025.

LUZ, Igor Gomes Xavier. O que é Slam: poesia, educação e protesto. Profs Educação, 12 nov. 2019. Disponível em: <https://profseducacao.com.br/artigos/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FERREIRA, Bia. Cota não é esmola. YouTube, publicado por Gica TV, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/TQorfnF5Bcg>. Acesso em: 24 jun. 2025.

WEIGERT, Mari. Slam de Gabriela Grigolon – artista, ativista, feminista, negra, surda. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F6Zj8hvg3Qw>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SLAM DA GUILHERMINA. Histórias. YouTube, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/Ib6vMBov91Y>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Documentários

SLAM RESISTÊNCIA. *Ágora do Agora – Mini Documentário*. YouTube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/jDFSFoMsVm8>. Acesso em: 24 jun. 2025.

plataformas e coletivos:

SLAM DIGITAL. *Acervo audiovisual do slam no Brasil*. Disponível em: <https://www.slamdigital.com.br>. Acesso em: 24 jun. 2025.

MANOS E MINAS. *Canal oficial no YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/@manoseminas>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Unidade 2 - Trajetórias Históricas

Referências usadas na biografia da artista

ARRAES, Jarid. Sobre. Site oficial de Jarid Arraes, 2022.

Disponível em: <https://jaridarraes.com/sobre>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BOOKSTER. Daria um livro | Conversa com Jarid Arraes.

YouTube, 2024. Disponível em:

<https://youtu.be/deDRt3oEHMQ>. Acesso em: 21 jun. 2025.

RFI BRASIL. Jarid Arraes – escritora. YouTube, 2018.

Disponível em: <https://youtu.be/dnyjkhMr9Y4>. Acesso em: 21 jun. 2025.

Livro

ARRAES, Jarid. Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis. São Paulo: Seguinte, 2020.

Materiais complementares

CIDINHA DA SILVA. Cidinha da Silva – Literatura

Afro-Brasileira. Letras UFMG, 2025. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva>.

Acesso em: 21 jun. 2025.

GARCIA, Débora. Débora Garcia – Literatura Afro-Brasileira.

Letras UFMG, 2023. Disponível em:

<http://letras.ufmg.br/literafro/autoras/1344-debora-garcia>.

Acesso em: 21 jun. 2025.

VIDEOTECA. Lélia Almeida González (1935–1994) – Heróis de Todo Mundo. YouTube, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/QEij7sXdJ0s>. Acesso em: 21 jun. 2025.

Odailta Alves. Websérie Escritoras Negras de Pernambuco. YouTube, 2022. Disponível em: https://youtu.be/VKU_or9LX3U. Acesso em: 21 jun. 2025.

TV NAÇÃO PRETA. Escritoras Negras Contemporâneas. YouTube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3EVQNWouCnE>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Unidade 3 - Resistências diárias

Biografia da autora

CAROLINA MARIA DE JESUS. *Obras / Arquivo Vivo / Biografia – Carolina Maria de Jesus*. Instituto Moreira Salles, [s.d.]. Disponível em: <http://carolinamariadejesus.ims.com.br/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SITE CAROLINA MARIA DE JESUS. *Vera Eunice sobre sua mãe, Carolina Maria de Jesus*. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eHd5998K3H8>. Acesso em: 29 jun. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1960.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. *Nós, Carolinas – vozes das mulheres da periferia*. YouTube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=firLn02imCM>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Unidade 4 - Raízes ancestrais

Referências usadas na biografia da autora

TROITINHO, Bruna. Água de Barrela – Eliana Alves Cruz.

Negras Escrituras, [s.l.], 2023. Disponível em:

<https://negrasescrituras.com/agua-de-barrela-eliana-alves-cruz/>.

Acesso em: 29 jun. 2025.

INÁCIO, Bruno. Eliana Alves Cruz: ‘a minha literatura se baseia em perguntas’. Le Monde Diplomatique Brasil, 25 jul. 2024.

Disponível em: <https://diplomatique.org.br/eliana-alves-cruz-a-minha-literatura-se-baseia-em-perguntas/>. Acesso em: 29 jun.

2025.

RODRIGUES, Isabella. Esperançando o futuro da literatura e da inclusão racial no Brasil: entrevista com Eliana Alves Cruz.

Observatório de Favelas, nov. 2023. Disponível em:

<https://observatoriodefavelas.org.br/esperancando-o-futuro-da-literatura-e-da-inclusao-racial-no-brasil-entrevista-com-eliana-alves-cruz/>.

Acesso em: 29 jun. 2025.

BLOOKS LIVRARIA. *Entrevista com a escritora Eliana Alves Cruz*. Medium, 22 jul. 2018. Disponível em:

<https://medium.com/blooks/entrevista-com-eliana-alves-cruz-d339656eb6bd>. Acesso em: 29 jun. 2025.

GOMES, Helton Simões; DOS ANJOS, Ismael. Mais próximo do amor e mais longe da solidão. Tilt UOL, 28 abr. 2021.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/ancestralidade-eliana-alves-cruz.htm>. Acesso em: 29

jun. 2025.

Livro

CRUZ, Eliana Alves. *Eliana Alves Cruz – Literatura Afro-Brasileira*. LITERAFRO: o portal da literatura afro-brasileira, jul. 2024. Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Resenhas

CARVALHO, Pâmela. *Água de barrela: mais cedo ou mais tarde a justiça se fará*. Amarello, set. 2024. Disponível em:

<https://amarello.com.br/2024/09/cultura/sociedade/agua-de-barrela-mais-cedo-ou-mais-tarde-a-justica-se-fara/>. Acesso em: 29 jun. 2025

ESPALHANDO LITERATURA. *Água de Barrela, de Eliana Alves Cruz*. YouTube, 2024. Disponível em:

<https://youtu.be/Iqcz4JfzJqs>. Acesso em: 29 jun. 2025.

NETO, Arman. *Afeto e ternura em meio às agruras: uma leitura de “Tudo nela é de se amar”, de Luciene Nascimento*. *Impressões de Maria*, ago. 2022. Disponível em:

<https://impressoesdemaria.com.br/tudo-nela-e-de-se-amar-de-luciene-nascimento/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

CANAL CURTA! ÚRSULA | CONHEÇA O ROMANCE DE MARIA FIRMINA, HOMENAGEADA DA FLIP 2022.

YouTube, nov. 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=VC3K4BF39UU>. Acesso em: 28 jun. 2025

Canais literários

IMPRESSÕES DE MARIA. Impressões de Maria (site).

Disponível em: <https://impressoesdemaria.com.br/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

IMPRESSÕES DE MARIA. Canal do YouTube “Impressões de Maria” – playlists. YouTube, [data de criação não informada].

Disponível em:

<https://www.youtube.com/@impressoesdemaria/playlists>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Unidade 5 - Escrevivências compartilhadas

Referências usadas na biografia da autora

TV APARECIDA. *Conheça a história da escritora Conceição Evaristo*. YouTube, 2020. Disponível em:

<https://youtu.be/9POX2gtfmFI>. Acesso em: 29 jun. 2025.

LEITURAS BRASILEIRAS. *CONCEIÇÃO EVARISTO |*

Escrevivência. YouTube, 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 29 jun. 2025.

CANAL BRASIL. *Conceição Evaristo e a mulher negra na sociedade | Espelho*. YouTube, 2021. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=1SRI-R27F_o. Acesso em: 29 jun. 2025.

DEBELLIAN, Marcio. *Conceição Evaristo – Da calma e do silêncio*. YouTube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Iez_LTqSrkg. Acesso em: 29 jun. 2025.

ANCESTRALIDADES. *Escrevivência*. Em: Termos e conceitos. ANCESTRALIDADES, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/escrevivencia>. Acesso em: 29 jun. 2025.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo – Literatura Afro-Brasileira. LITERAFRO: o portal da literatura afro-brasileira, [s.d.]. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Resenhas

CARLAN, S. U. Manoella; SANTOS, K. G. Roberta. Podcast “*Olhos d’água*”, de *Conceição Evaristo*. Espalhando Literatura, YouTube, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/jpjKMmKLLDk>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SÃO BERNARDO DO CAMPO (Município). Secretaria de Cultura. Resenha – *Olhos d’água* (Conceição Evaristo). *Leitores da Cidade*, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.saobernardo.sp.gov.br/web/cultura/-leitores-da-cidade-resenha-de-olhos-d-agua-conceicao-evaristo->. Acesso em: 29 jun. 2025.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. LITERAFRO: o portal da literatura afro-brasileira, jun. 2025. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/929-conceicao-evaristo-olhos-d-agua>. Acesso em: 29 jun. 2025.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. LITERAFRO: o portal da literatura afro-brasileira, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/929-conceicao-evaristo-olhos-d-agua>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Reflexões

ORTIZ, Brenda. *Abolição da escravatura: passados 134 anos, negros ainda lutam por direitos e protagonismo no Brasil*. Geledés — Instituto da Mulher Negra, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/abolicao-da-escravatura-passados-134-anos-negros-ainda-lutam-por-direitos-e-protagonismo-no-brasil/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Narrativas Negras Femininas

**INSTRUÇÕES
AO/A
PROFESSOR/A**

Literatura e ensino de gêneros textuais

APRESENTAÇÃO

Educador/a, este livro foi pensado como um instrumento de diálogo entre a escola e os estudantes do Ensino Médio, com o objetivo de mostrar que a literatura pode ser uma experiência significativa, prazerosa e profundamente transformadora. Por meio de textos escritos por autoras negras brasileiras, buscamos aproximar os jovens de narrativas que abordam temas urgentes — como racismo, machismo e desigualdade social — de forma acessível, crítica e sensível.

Sabemos que o espaço escolar é, muitas vezes, o primeiro local em que muitos alunos têm contato com a diversidade de vozes que compõem a literatura brasileira. Por isso, este material propõe a valorização da produção literária de mulheres negras, reconhecendo sua potência estética, política e formativa. Ao mesmo tempo, busca promover uma escuta ativa e acolhedora das vivências dos próprios estudantes, incentivando a reflexão, o protagonismo e a expressão por meio da escrita em diferentes gêneros: slam, biografia, diário e resenha crítica.

Cada atividade foi pensada como um espaço de escuta, troca e construção coletiva do saber. Você, aqui, terá um papel essencial: será um mediador entre os alunos e as palavras, ajudando-os a dar sentido à leitura, abrindo espaço para o debate e convidando-os a reconhecerem a si mesmos e aos outros nas histórias lidas e nas palavras escritas.

A literatura apresentada neste livro é também um instrumento de resistência e denúncia. Ela lança luz sobre vozes historicamente marginalizadas e abre caminho para que sejam, finalmente, ouvidas. Ao propor o contato com essas obras, esperamos, de forma introdutória, contribuir para a formação de sujeitos mais empáticos, críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Mais do que um livro didático, esta é uma proposta de construção coletiva de saberes, vivências e afetos. Que ele seja um ponto de partida para muitas descobertas — para seus alunos e para você, professor/a.

Assista ao vídeo: “O perigo de uma história única” para entender melhor como a falta de referências negras cria um imaginário negativo sobre esse grupo.

INSTRUÇÕES

Este livro é composto por cinco unidades intituladas “Batalhas poéticas”, “Trajetórias históricas”, “Resistências diárias”, “Raízes ancestrais” e “Escrevivências compartilhadas”. A proposta é trabalhar textos literários e, a partir deles, gêneros textuais. Assim, em cada unidade, você encontrará a biografia de uma autora negra, seguida do resumo de uma das obras dela. Há, ainda, a explicação sobre um gênero textual ligado à obra indicada e, por último, uma proposta de produção de texto do referido gênero, cujo título da seção é “Desafio da hora” e que é acompanhado por linhas em branco reservadas à escrita do aluno.

Sobre os gêneros textuais abordados, tem-se: slam, biografia, diário e resenha. Além disso, ao longo do conteúdo, você encontrará diversos materiais indicados, como vídeos e sites, os quais possuem links clicáveis e, ainda, QR Codes para facilitar o acesso aos materiais.

Recomendamos que o livro seja impresso e entregue ao aluno. Entretanto, caso isso não seja possível, tente imprimir alguns dos conteúdos, os que considerar mais relevantes, a fim de que o aluno possa guardar esse material e consultá-lo posteriormente.

Quanto aos textos literários indicados neste material, sugerimos que estes sejam lidos em conjunto com os alunos. Proponha a leitura em roda e incentive-os a compartilhar suas impressões e vivências relacionadas às situações narradas. Em seguida, promova uma reflexão coletiva, relacionando os temas abordados com a realidade brasileira.

Depois desse momento, aprofunde o estudo do gênero literário trabalhado na unidade.

Para finalizar, proponha uma produção textual – o “Desafio da Hora” – do mesmo gênero, como forma de consolidar os conhecimentos adquiridos. Essa atividade servirá como instrumento de avaliação.

Sempre que possível, devolva os textos corrigidos aos estudantes. Caso necessário, peça que revisem ou reescrevam suas produções, para que possam, de fato, desenvolver as competências essenciais antes de avançar para a próxima unidade.

Mas, antes de aplicar o material em sala, é fundamental que você, professor/a, se aprofunde na luta e na literatura negra feminina. Para isso, recomendamos a leitura de autores e pensadores negras, que contribuem para a compreensão crítica das relações raciais e de gênero, em especial, no Brasil.

Para entender melhor as dinâmicas raciais e de gênero no Brasil e como o machismo e o racismo afetam mulheres negras:

- “Quem tem medo do feminismo negro”, de Djamila Ribeiro (2018).
- “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”, de Sueli Carneiro (2011).
- “Por um feminismo afro-latino-americano”, de Lélia Gonzalez (2020).

Para refletir sobre as origens do racismo, sugerimos a leitura da teoria da Colonialidade de gênero, de María Lugones (2020). Já para compreender os estereótipos racistas, questões de representatividade e identidade negra, recomendamos:

- “Negritude: usos e sentidos”, de Kabengele Munanga (2020)

Além disso, você pode consultar este material complementar com planos de aula sobre literatura negra feminina:

Caderno pedagógico



DINÂMICA INTRODUTÓRIA

Antes de começar os estudos com este material, sugerimos a realização de uma atividade inicial com os alunos. Inicie com estas perguntas. Primeiro, faça as seguintes perguntas:

- Quais filmes e séries vocês costumam assistir?
- Quem são os protagonistas dessas histórias?
- Existem pessoas negras e, mais especificamente, mulheres negras, nessas produções? Se sim, como elas são retratadas?
- Essas representações são positivas ou negativas? São sempre do mesmo tipo?

Após a conversa, exiba o vídeo “O perigo de uma história única”, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, e depois questione os alunos:

- Os filmes, séries e livros que vocês conhecem costumam apresentar apenas uma narrativa, como Chimamanda mencionou?
- Que histórias são contadas? E quem as conta?

A partir dessas questões, é possível refletir sobre a ausência (ou a presença estereotipada) de pessoas negras nas narrativas. Representação que forma e alimenta um imaginário negativo em torno do povo negro e reforça desigualdades.

Confira o vídeo de Chimamanda [aqui](#)



UNIDADE 1

BATALHAS POÉTICAS

Professor(a), para iniciar esta unidade, apresente a trajetória da poeta Tawane Theodoro. Compartilhe com a turma sua biografia impressa e, se preferir, use os recursos audiovisuais indicados no material para aproximar os alunos da voz e vivência da autora.

Depois, leia em conjunto com os alunos os slams selecionados: “Eu não queria ser feminista” e “Nós somos as referências”. Aproveite esse momento para discutir os temas abordados, como racismo, feminismo negro, violência, representatividade e luta. Estimule a troca de ideias com escuta atenta e respeito mútuo.

Em seguida, apresente o gênero slam por meio do material que traz suas principais características. Se for possível, exiba trechos de performances feitas por Tawane, Matriarcka, Bia Ferreira e Gabriela Grigolon — os links estão no material. Como a oralidade é parte essencial desse gênero, é importante que os alunos assistam a algumas apresentações.

Para encerrar, peça aos estudantes que escrevam um poema no estilo slam, inspirado em suas experiências e percepções sociais. Em seguida, proponha que compartilhem suas criações em sala.

Organize esse momento com acolhimento, para que todos se sintam seguros para participar. Se for viável, promova um pequeno sarau ou uma roda de apresentações. Essa vivência fortalece o protagonismo e a escuta coletiva.

Os poemas selecionados são ótimos para você discutir o que é o racismo e o machismo.

UNIDADE 2

TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS

Nesta etapa, sugerimos começar com a apresentação da escritora Jarid Arraes. Use a biografia impressa e os hiperlinks disponíveis com entrevistas e vídeos para aprofundar o conhecimento sobre sua trajetória. Se desejar, apresente esses recursos em sala para os alunos.

Na sequência, realize uma leitura em roda de alguns cordéis da obra “Heroínas brasileiras em 15 cordéis”. A leitura coletiva pode gerar reflexões importantes. Estimule o pensamento crítico e promova um diálogo sobre as histórias e personagens retratados.

Depois disso, introduza o gênero textual biografia. Aponte suas características principais e, se quiser, utilize os links disponíveis para mostrar exemplos reais do gênero. Isso tornará a explicação mais clara e didática.

Para consolidar o aprendizado, solicite aos alunos que escrevam uma biografia sobre uma autora afro-brasileira. O material já oferece sugestões, mas os estudantes também podem pesquisar outras escritoras.

A fim de tornar essa etapa mais visual, apresente imagens das autoras e capas de suas obras. Isso desperta curiosidade e aproxima os alunos das figuras estudadas. Após a produção, avalie os textos e, se possível, estimule a criação de cartazes com essas biografias para expor na escola. Essa ação amplia o alcance da atividade, dando mais visibilidade às autoras negras.

Os cordéis de Jarid podem promover reflexões sobre o apagamento de mulheres negras ao longo da história e, ainda, sobre as violências que elas sofrem.

UNIDADE 3

RESISTÊNCIAS DIÁRIAS

Nesta unidade, comece apresentando a trajetória da autora Carolina Maria de Jesus. Entregue aos alunos a biografia impressa. Você pode complementar a aula com vídeos, entrevistas e outros recursos disponíveis, para ajudar os alunos a entenderem a importância de sua obra.

Depois, introduza “Quarto de despejo”, destacando trechos que provoquem reflexão. Um bom exemplo é a frase: “O Brasil deveria ser dirigido por alguém que já passou fome. A fome também é professora.”

Essa citação pode ser o ponto de partida para um debate sobre desigualdade social, racismo e resistência.

Em seguida, apresente o gênero diário. Explique suas principais características e enfatize o uso desse tipo de escrita íntima como forma de denúncia, como fez Carolina. Para tornar o conteúdo mais próximo dos alunos, você pode fazer uma analogia com os “stories” do Instagram, mostrando como ambos revelam, em primeira pessoa, o cotidiano de alguém.

Para concluir, oriente os alunos a escreverem um diário sobre alguma experiência significativa, injusta ou transformadora. Reforce que não há um modelo fixo. O mais importante é escrever com liberdade e sinceridade. Peça que usem a primeira pessoa, registrando data e local.

Abra espaço para quem quiser compartilhar seu texto com a turma. Isso promove empatia, respeito e consciência sobre as diferentes realidades.

O diário de Carolina representa a vida de muitas pessoas que vivem na periferia e podem suscitar debates sobre a pobreza, fome e sobre a escrita como forma de resistência.

UNIDADE 4

RAÍZES ANCESTRAIS

Inicie esta unidade apresentando a autora Eliana Alves Cruz. Além de distribuir sua biografia impressa aos alunos, utilize vídeos, entrevistas e outros materiais que ajudem a contextualizar sua vida e obra,.

Depois, explore a obra “Água de barrela”, destacando trechos que incentivem debates e reflexões. O material traz um resumo da obra, mas você pode aprofundar a leitura.

Em seguida, trabalhe o gênero textual resenha, com foco na resenha crítica. Use o roteiro e o vídeo criados pela equipe do projeto, disponíveis no material. Para facilitar o entendimento, mostre também resenhas de filmes ou séries que os alunos já conhecem. Isso torna a explicação mais compreensível e interessante.

Na etapa final, incentive os alunos a escreverem uma resenha sobre uma situação marcante, injusta ou cotidiana que os tenha impactado. Estimule a escrita livre, com sinceridade e profundidade.

Ao final, abra espaço para que os textos sejam lidos em sala, de forma voluntária. A troca de experiências pode fortalecer vínculos e incentivar o pensamento crítico.

Além do roteiro e vídeo produzidos pela equipe, há outros hiperlinks com resenhas escritas e em vídeo que você pode apresentar em sala. Use os materiais que considerar mais adequados à sua turma.

O romance de Eliana levanta a questão acerca do apagamento de lutas e de figuras femininas negras da história.

UNIDADE 5

ESCREVIVÊNCIAS COMPARTILHADAS

Nesta unidade, sugerimos iniciar a abordagem apresentando a trajetória da autora Conceição Evaristo. Utilize diferentes recursos — como vídeos, entrevistas e materiais biográficos — para enriquecer a apresentação. Isso ajudará os alunos a compreenderem melhor o contexto de vida da autora e a importância de sua obra na literatura brasileira contemporânea.

Em seguida, introduza a obra “Olhos D’água”, destacando trechos marcantes que possam gerar reflexão e debate. Um exemplo trazido no material é a frase: “Escrever é uma forma de sangrar”. Essa citação pode servir como ponto de partida para uma conversa crítica sobre desigualdade social, racismo e resistência. Uma sugestão é iniciar o diálogo perguntando aos alunos o que essa frase significa para eles, incentivando uma conexão entre a literatura e suas próprias vivências.

Dê continuidade com a leitura compartilhada de alguns contos selecionados do livro. Nesta unidade, propomos: “A gente combinamos de não morrer”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”.

Após a leitura, peça que os alunos respondam às perguntas do “Desafio da Hora”, presente no material didático. Essa etapa tem como objetivo promover uma reflexão inicial sobre os textos e preparar os alunos para a próxima atividade: a roda de conversa.

Antes da roda de conversa, sugerimos a exibição do vídeo com a autora Conceição Evaristo, disponível [aqui](#):



Esse recurso contribuirá para aprofundar a reflexão sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Aproveite também para relembrar, com a turma, as autoras e os textos já estudados anteriormente, reforçando as conexões entre as obras.

Em seguida, inicie a última etapa. A roda de conversa deve ser conduzida por você, professor/, com base em um roteiro de perguntas previamente elaborado. Para facilitar esse processo, disponibilizamos abaixo um roteiro sugerido — que pode ser utilizado integralmente ou adaptado conforme o perfil da turma.

As perguntas foram organizadas em três blocos:

1. Impressões e emoções dos alunos;
2. Compreensão dos personagens e da narrativa;
3. Reflexão crítica e relação com a realidade social.

Durante a roda, procure criar um ambiente seguro e acolhedor, onde os alunos se sintam à vontade para compartilhar suas opiniões. Estimule-os a relacionar os enredos lidos com questões sociais, políticas e econômicas, incentivando o pensamento crítico e também a empatia.

1. Quais sentimentos os contos despertaram em vocês? Houve momentos em que sentiram empatia, indignação, tristeza ou esperança?

2. Vocês já passaram por algo parecido ou conhecem alguém que já viveu situações como as retratadas nas narrativas?

3. Como vocês descreveriam Maria e Zaíta? Quais características delas mais chamaram sua atenção? O que essas personagens nos ensinam sobre força, dor e resistência?

4. Que temas sociais e humanos os contos abordam? Como o racismo, o machismo ou a desigualdade aparecem nas histórias?

5. Onde se passam essas histórias? Como os espaços em que os personagens vivem (casa, rua, comunidade) influenciam suas vivências e seus sentimentos?

6. Quais os conflitos enfrentados pelos personagens? Como eles lidaram com esses conflitos?

7. Vocês acham que, em geral, os personagens são acolhidos ou são rejeitados pela sociedade? O que faz com que isso aconteça?

8. Qual é a rotina dos protagonistas? Como eles se sentem? Vocês já viveram ou gostariam de viver como eles?

9. Vocês conseguem perceber alguma conexão entre os diferentes contos? Há semelhanças entre as histórias e os personagens? Quais?

10. Quais formas de violência aparecem nas histórias? Como elas afetam a vida dos personagens?

11. Você considera que as situações retratadas no conto são apenas ficção ou podemos relacioná-las com nossa realidade? 12. Em “Maria”, a protagonista é responsabilizada por algo que não cometeu. Como esse julgamento reflete o modo como a sociedade enxerga mulheres negras? Você acha que, se fosse uma mulher branca na mesma situação, a reação teria sido diferente? Por quê?

13. Se os personagens dos contos tivessem seus direitos básicos assegurados (como segurança, educação, saúde, moradia), você acha que seus finais teriam sido diferentes?

14. O que as situações retratadas nas histórias revelam sobre a nossa sociedade?

15. Para vocês, o que significa “Eles combinaram de nos matar, e a gente combinamos de não morrer”?

16. O que vocês acham que significa “escrever é um jeito de sangrar”? Como isso está presente nas narrativas que lemos?

17. De que forma a “escrevivência” aparece nos contos de Conceição? Vocês conseguem lembrar de trechos ou cenas que mostrem isso?

A antologia de Conceição traz um retrato contemporâneo das vivências negras. Você pode discutir sobre violência policial, machismo e racismo.

REFERÊNCIAS

Livros

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOLLANDA, H. B. de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 51-81.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

Livro

NAZÁRIO, Heleno Rocha. Pesquisa do PPGER resulta em caderno pedagógico de Literatura Negra Feminina. UFSB Ciência, 4 maio 2021. Disponível em: <https://ufsb.edu.br/ufsb-ciencia/2910-pesquisa-do-ppger-resulta-em-caderno-pedagogico-de-literatura-negra-feminina>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Vídeos

TEDX. Chimamanda Adichie: O perigo de uma única história. YouTube, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 29 jun. 2025.

CANAL BRASIL. Conceição Evaristo e a mulher negra na sociedade | Espelho. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1SRI-R27Fo>. Acesso em: 29 jun. 2025.

